

■ Descrição de um aspecto da variedade do português falada pelos Fulni-ô revisitado

FÁBIA PEREIRA DA SILVA

Mestranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, bolsista FAPEAL.

Resumo: Na aldeia indígena Fulni-ô, cerca de 4.000 índios são falantes bilíngues. Eles usam o Yaathe, língua materna, e o português, língua de contato. A variedade de Português falada por esses índios apresenta uma série de interferências, em diferentes níveis, do sistema materno. Neste trabalho, vamos descrever um desses aspectos no nível da sintaxe. Os pressupostos teórico-metodológicos que embasam este trabalho são os da sintaxe comparativa.

Palavras-chave: Línguas em contato; Interferência; Sintaxe comparativa; Português; Yaathe

JANUACELE FRANCISCA DA COSTA

Doutora em Letras, Professora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas.

Abstract: In Fulni-ô village, about 4.000 Indians are bilingual speakers. They speak Yaathe, the native language, and Portuguese, the language of contact. The variety of Portuguese spoken by these Indians presents a series of interference at different levels, from the maternal system. In this paper, we describe one of these aspects at the syntax level. The theoretical and methodological bases for this work are those of the comparative syntax.

Keywords: Language contact; Interference; comparative syntax; Portuguese; Yaathe

Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena! Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.
(Oswald de Andrade)

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma descrição de um aspecto da sintaxe da variedade de Português falada pela comunidade Fulni-ô, o qual pode ser visto como interferência quando comparado com a sintaxe do Yaathe. O povo Fulni-ô vive no município de Águas Belas, sertão de Pernambuco. Esse povo tem como língua nativa o Yaathe, pertencente ao tronco Macro-Jê, atualmente a única língua indígena falada no Nordeste do Brasil.¹

Com uma população em torno de 4.000 indivíduos, a comunidade preserva a sua língua, que é falada pela maioria do grupo. De acordo com pesquisa realizada por Costa (1993), 91,5% dos índios são falantes ativos ou passivos dessa língua e têm sua identidade étnica preservada e definida a partir de dois aspectos da cultura: a língua e a religião. Assim, apesar de conviver lado a lado com outra cultura e com uma língua tida como de prestígio, os Fulni-ô mantêm viva a sua cultura e a sua língua de origem. Sendo assim, esse povo mantém uma situação de bilinguismo na qual o português, língua de contato, é utilizada por todos os membros em situações diárias e em situações que envolvem o grupo de fora e o Yaathe é utilizado entre os membros do grupo. Conforme Costa (1993), o português é a língua oficial, imposta e institucionalizada, enquanto o Yaathe é a língua materna, herdada dos ancestrais, e serve a funções internas.

¹ Estamos nos referindo ao Nordeste, sem incluir o Maranhão.

Considerando a situação descrita, pode-se afirmar que a situação de bilinguismo Fulni-ô é estável, pois as duas línguas em uso na comunidade ocupam posições hierarquicamente diferentes, uma vez que o português, sendo a língua nacionalizada oficialmente, funciona como língua de maior prestígio e, por isso, é utilizada em contextos formais e a segunda, em relações informais² que envolvem o grupo. Nesse caso, o bilinguismo é caracterizado como estando em uma condição de diglossia, o que significa dizer que há diferença de status sociopolítico entre as duas línguas em contato. (ALKMIN & TARALLO, 1987)

As situações de contato entre o português e uma língua indígena são deixadas de lado, na maioria dos casos, pelo fato de se ter uma tendência à substituição da língua indígena pela língua portuguesa. Os Fulni-ô, no entanto, têm o Yaathe exercendo plenas funções sociais na comunidade após mais de três séculos de contato intenso com o português. Isso torna a língua Yaathe um forte símbolo de resistência e de identidade étnica desse povo.

² Informais, se olhadas de fora, pois as instituições da cultura Fulni-ô podem ser consideradas formais, internamente.

No contato entre as línguas, geralmente ocorre o que se chama de interferência. A interferência consiste na influência de uma língua de origem sobre outra língua, que é a língua alvo. Entende-se por língua de origem a língua nativa, e por língua alvo, a língua que é afetada pelo processo de interferência. (MOTA, 1996). No caso em discussão, entretanto, o Yaathe é a língua de origem e o Português é a língua alvo.

A partir de dados obtidos em gravações de conversas e narrativas durante nosso trabalho de campo, em ocasiões diversas, como em encontro com professores de Yaathe, na coleta de dados para outros trabalhos de pesquisa e conversas informais com membros do grupo, observamos recorrência de marcas que diferenciavam a variedade de português falada pela comunidade Fulni-ô da variedade de português falada pelos não-índios com os quais os Fulni-ô convivem. Essas marcas de interferência

do sistema materno são apresentadas em diferentes níveis do Português falado pelos Fulni-ô.

Neste trabalho, iremos descrever um desses aspectos no nível da sintaxe. Os pressupostos teórico-metodológicos que embasam este trabalho são os da sintaxe comparativa, orientados pelas concepções teóricas do gerativismo. Também estaremos utilizando o trabalho de Costa (1999), que é uma descrição da língua Yaathe, para fundamentarmos nossas asserções sobre o sistema dessa língua.

1. Discussão teórica

A análise de casos de variação merece destaque, pois se propõe a explicar fenômenos linguísticos que caracterizam uma determinada língua, nos possibilitando ter uma compreensão do funcionamento dessa língua em uso.

³ O nosso trabalho, nesse momento, é ainda apenas descritivo.

A variação a que as línguas naturais são expostas diz respeito não só ao sistema interno da língua, mas também às possíveis modificações que uma língua pode sofrer em uma situação de contato com outra, o que é, de fato, nossa preocupação nesse artigo.

O fato de se ter duas línguas faladas pelo mesmo grupo e, portanto, mantendo um contato constante, caracteriza o que na literatura chama-se de bilinguismo. Tal contato linguístico, certamente, evidenciará ocorrências de variação na qual o sistema das línguas em questão, em algum aspecto, será afetado. No caso que iremos apresentar, a língua minoritária, que é a língua materna, o Yaathe, interfere no sistema da língua majoritária, língua oficial, o português, gerando uma variedade com características específicas dessa comunidade bilíngue.

Utilizando os fundamentos teórico-metodológicos da sintaxe comparativa, conforme explicitado em Rizzi (1988, apud MOURA, 2005), que tem como base as concepções da gramática gerativa³,

partimos do pressuposto de que os falantes de uma determinada língua dominam o conhecimento inerente ao seu sistema linguístico e que é compartilhado por todos que o usam. Assim sendo, esse saber é inato e, por isso, inconsciente, podendo ser refletido em uma situação na qual os usuários de dois sistemas linguísticos transferem características particulares desse sistema para outro que também usam e dominam simultaneamente, como é o caso específico da situação de bilinguismo dos Fulni-ô, Yaathe-Português.

Por meio de uma análise comparativa dos dois sistemas em uso nessa situação de bilinguismo, no caso específico desse artigo observando a sintaxe, podemos encontrar evidências da transferência de aspectos estruturais da língua nativa para a língua de prestígio, o que não é um fato comum, já que o que se tem de mais recorrente na literatura sobre o tema é ou a superposição da língua majoritária ou o surgimento de um novo sistema gerado a partir da mescla entre os dois sistemas o que se chama de Pidgin⁴, ou ainda, a origem de um crioulo.⁵

⁴ Pidgin, conforme Alkmin & Tarallo (1987), caracteriza-se por ser uma língua nascida do contato entre falantes de dois idiomas, servindo apenas como segunda língua para fins específicos.

⁵ Crioulo, conforme Alkmin & Tarallo (1987) é cada uma das línguas mistas nascidas do contato de um idioma qualquer com uma língua nativa e que depois se tornou língua materna na comunidade.

2. Metodologia da pesquisa

Nesse estudo utilizamos dados obtidos através de gravações de conversas realizadas durante nosso trabalho de campo em ocasiões diversas, tais como gravação de narrativas em Yaathe com traduções livres; encontros com professores de Yaathe; e conversas informais com membros da comunidade. Também utilizamos dados que foram anotados em diário de campo por ocasião das diversas atividades que realizamos na comunidade, como pesquisadora e como membro do grupo Fulni-ô.

A partir do fato que existem marcas linguísticas peculiares na variedade de Português falada pelos Fulni-ô, em diferentes níveis do sistema linguístico, buscamos sistematizar um aspecto dessa variedade no nível da sintaxe, levando em conta as recorrências nos

dados coletados. Feito isso, elaboramos sentenças com as mesmas construções que fossem iguais aos enunciados que nos chamaram a atenção e que, possivelmente, apresentariam casos de interferência. Trabalhamos com dois informantes, da seguinte forma: pedimos a um deles que traduzisse sentenças previamente selecionadas do Português para o Yaathe e ao outro pedimos que as traduzisse do Yaathe para o Português.

Para este trabalho selecionamos dois tipos de verbos: i) verbos ditransitivos (dar e dizer) e ii) verbos transitivos indiretos (mangar e arengar).

A discussão a seguir está organizada do seguinte modo: i) apresentamos as sentenças na variedade de Português Regional, comparando-as com as sentenças realizadas na variedade de Português falada pelos Fulni-ô; e ii) apresentamos as sentenças em Yaathe, comparando a sintaxe dessas sentenças com a sintaxe da variedade de Português falada pelos Fulni-ô, demonstrando a ocorrência da interferência decorrente do bilinguismo Yaathe-Português.

3. Comparação entre a variedade regional do Português e a variedade de Português falada pelos Fulni-ô

Na variedade de Português falada pela comunidade Fulni-ô, temos vários aspectos que nos chamam a atenção por ser peculiar a esse grupo. O que descreveremos a seguir é um fato que ocorre no nível da sintaxe e está relacionado à regência dos verbos dar, dizer, mangar e arengar.

Os verbos dar e dizer, verbos ditransitivos, são verbos de transferência, isto é, representam uma situação com três argumentos: um agente, um objeto transferido e um destinatário (recipiente ou beneficiário). Os verbos mangar e arengar são verbos transitivos indiretos, pois representam uma situação com dois argumentos: um é agente, o outro é um argumento marcado por preposição (objeto indireto).

3.1 Os verbos dar e dizer

3.1.1 Dar

Na variedade de Português falada regionalmente, o verbo dar é regido pela preposição “a” ou “para” com o sentido de finalidade, propósito, marcando o recipiente, do mesmo modo como é na variedade dita padrão, conforme o exemplo (1).

(1) “Ele deu o dinheiro à / para a menina”.

Na variedade de Português falada pelos Fulni-ô, para reger o verbo dar, significando “doar”, “entregar” o argumento com função destinatário, sintaticamente, é um objeto indireto e é marcado com a preposição para ou a, indicando o caso dativo, conforme exemplo (2).

(2) “Ele deu o dinheiro na menina”.

3.1.2 Dizer

Na variedade de Português regional, o verbo dizer tem o argumento com o papel semântico destinatário introduzido pelas preposições para ou a, com função sintática objeto indireto (caso dativo), conforme exemplo (3).

(3) “Você disse a/para ele.”

Na variedade de Português falada pelos Fulni-ô, para o verbo dizer o argumento com função destinatário, também é um objeto indireto, mas é introduzido pela preposição em (locativo), conforme exemplos (4).

(4) “Você disse nele.”

Abaixo, apresentamos no quadro 1 uma comparação das duas variedades com os dois tipos de verbo apresentados acima.

Variedade de Português regional	Variedade do Português falada pelos Fulni-ô
“Ele deu alguma coisa <u>a/para</u> nós”.	→ “Ele deu alguma coisa <u>em</u> nós”. ou “Ele deu <u>nĩ</u> nós”
“Ele deu o dinheiro <u>a/para a</u> menina”.	→ “Ele deu o dinheiro <u>na</u> menina”.
“Ele deu <u>a/para</u> ela”.	→ “Ele deu <u>nela</u> ”
“Você disse <u>a/para</u> ele”.	→ “Você disse <u>nele</u> ”.
“Diga bom dia <u>a/para</u> a branca”.	→ “Diga bom dia <u>na</u> branca”

Quadro 1: Quadro comparativo (Verbos Dar e Dizer)

3.2 Os verbos mangar e arengar

3.2.1 Mangar

Na variedade de português regional, o verbo mangar “zombar” tem um argumento que, sintaticamente, é um objeto indireto e é introduzido pela preposição de (fonte ou origem), conforme exemplo (5).

(5) “Ele manga de mim”.

Na variedade de Português falada pelos Fulni-ô, o verbo mangar “zombar” tem um argumento não marcado, ou seja, é um objeto direto. Quando esse objeto refere-se à 1ª pessoa do singular⁶, é expresso pelo pronome oblíquo “me”, conforme exemplo (6):

(6) “Ele me mangou”

3.2.2 Arengar

Na variedade do Português regional, o verbo arengar tem o argumento que sintaticamente é um objeto

⁶ Justificamos a apresentação do exemplo sempre na 1ª pessoa do singular pelo fato de ser recorrente nos dados e não termos encontrado exemplos com as demais pessoas, possivelmente devido ao tipo de discurso observado.

indireto introduzido pela preposição com (instrumento), conforme exemplo (7)

(7) “Ele arenga comigo.”

Na variedade de Português falada pelos Fulni-ô, o verbo arengar tem o argumento não marcado, ou seja, é um objeto direto.

(8) “Ele me arenga.”

Abaixo, apresentamos no quadro 2 uma comparação com os dois tipos de verbos que descrevemos acima.

Variedade de Português regional	Variedade do Português falada pelos Fulni-ô
“Ele manga <u>de</u> mim”.	→ “Ele <u>me</u> manga”.
“ Ele arenga <u>comigo</u> .”	→ “Ele <u>me</u> arenga.”

Quadro 2: Quadro comparativo (Verbos Mangar e Arengar)

⁷ As abreviaturas e convenções utilizadas nas transcrições são as seguintes: 1,2,3: 1ª, 2ª e 3ª pessoa; S: singular; A: agente; IND: indicativo; PRES: presente; P: paciente; PL: plural; LOC: locativo; IMP: imperativo; INST: instrumental; FAC: factivo; PAS: passado; //: transcrição fonológica; []: transcrição fonética; -: fronteira de morfema; ø: morfema zero.

4. Comparação entre a sintaxe do Yaathe e a sintaxe da variedade do Português falada pelos Fulni-ô

4.1 Os verbos dar e dizer

4.1.1 Dar

Em Yaathe, o complemento indireto de um verbo ditransitivo, cujo protótipo é ‘dar’, é introduzido pela posposição [ke], com valor locativo, que marca o destinatário, como podemos observar no exemplo (9)⁷:

(9) [ta ɔtʃajk'ia kokase jadedõ:k'ia ke]
 /ta ɔtʃajk'ia ko-ka-se jadedõ:k'ia ke/
 3SA dinheiro dar-IND-PAS menina LOC
ele deu dinheiro para a menina

Dessa forma, temos essa sentença traduzida, literalmente, por “Ele deu dinheiro na menina”.

4.1.2 Dizer

No caso do verbo dizer, ditransitivo, o argumento marcado é introduzido pela posposição [ke], com valor locativo, que, assim como o verbo dar, também marca o destinatário, conforme exemplo (10):

- (10) [a neʃi tʃaja kaka klajĩk'a ke]
 /a ne-ʃi tʃaja kaka klajĩk'a ke/
 2S dizer-IMP dia bom branca LOC
diga bom dia à branca

Assim, temos a sentença, literalmente, traduzida por “Diga bom dia na branca”.

A posposição [-ke] é a mesma que introduz um complemento locativo, conforme exemplo (11).

- (11) [tɛ: kã:k'a fe: ke]
 /ta e kane-ka-ø feja ke/
 3SA 3SP botar-IND-PRES terra LOC
ele bota algo no chão

Desse modo, tanto o recipiente quanto o locativo são marcados da mesma forma em Yaathe e, por isso, o falante transfere a mesma estrutura para o Português.

Abaixo, apresentamos no quadro 3 uma comparação entre as duas variedades.

Yaathe	Variedade do Português falada pelos Fulni-ô
[ta ɔtʃajk'a kokase jadedõ:k'a ke] /ta ɔtʃajk'a ko-ka-se jadedõ:k'a ke/ 3SA dinheiro dar-IND-PAS menina LOC “ele deu dinheiro na menina”	[ele deu dinheiro <u>na</u> menina] /ele deu dinheiro em a menina/ 3SA dar-PAS OD LOC DET menina “ele deu dinheiro na menina”
[a neʃi tʃaja kaka klajĩk'a ke] /a ne-ʃi tʃaja kaka klajĩk'a ke/ 2S dizer-IMP dia bom branca LOC “diga bom dia na branca”	[diga bom dia <u>na</u> branca] /diga bom dia em a branca/ dizer-IMP bom dia LOC DET branca “diga bom dia na branca”

Podemos perceber que a forma utilizada pelo falante de Yaathe quando se expressa em Português é claramente influenciada pela sintaxe da sua língua materna, ou seja, um argumento que tem papel de destinatário/recipientes, em Português tratado sintaticamente como objeto indireto dativo, é reanalisado pelo indivíduo Fulni-ô de acordo com a estrutura da sua língua materna. Essa língua trata esse complemento destinatário/recipientes como locativo, forma que é transferida para a língua de contato e se manifesta na sintaxe, na escolha do mecanismo gramatical que vai expressar a relação – a posposição *ke* (locativo) é traduzida pela preposição *em* (locativo) no lugar das preposições *a* ou *para* (dativo).

4.2 Os verbos mangar e arengar

4.2.1 Mangar

Em Yaathe, o verbo mangar é formado morfológicamente pela raiz da palavra *manga* /walaka/, mais o morfema factivo /-ne/. Nessa estrutura, o argumento do verbo que, em Yaathe, é um objeto direto, encontra-se incorporado, pois o acréscimo do morfema factivo ou causativo a um nome cria o verbo mangar, literalmente “fazer manga”. Desse modo, o argumento não incorporado, que não pode ser outro objeto direto, é, então, marcado como um instrumento, conforme exemplo (12).

- (12) [ta i te walakã:kla]
 /ta i te walaka-ne-ka/
 3SA 1S INST mangar-FAC-IND
 Lit.: ele faz manga comigo
ele manga de mim

O falante de Yaathe interpreta com sendo “Ele me manga”. Observe-se que o argumento marcado como instrumental é, em Português, desnecessário, dado que o verbo “mangar”, uma vez traduzido para o Yaathe como “fazer manga”, não é mais reanalisado pelo falante Fulni-ô como tal e, assim, novamente traduzido para o Português.

A hipótese que podemos levantar é que o constituinte marcado como instrumental é um complemento periférico, o verbo *mangar* tendo sido analisado em *Yaathe* como um verbo transitivo direto. Se for assim, o verbo [walaka], em *Yaathe* um verbo intransitivo, dado que o argumento objeto direto achava-se incorporado, é reanalisado como um verbo transitivo direto, donde o complemento pronominal escolhido ser um da classe objeto direto – me e não eu, o que ocorre em alguns dialetos dessa mesma região, onde podemos encontrar, por exemplo, “ele manga [dew]”, que corresponderia a “ele manga de eu”.

4.2.2 Arengar

Em *Yaathe*, com o verbo *arengar* ocorre o mesmo processo de criação descrito para o verbo *mangar*. A partir da raiz do verbo *conversar*, *falar*, acrescenta-se o morfema factivo /-ne/, que deriva o verbo *arengar*, literalmente “fazer conversa”, também com o objeto incorporado e, por isso, o argumento não incorporado é marcado como instrumento, ou seja, um complemento periférico, conforme hipótese já levantada. Um exemplo com esse verbo é dado em (13).

- (13) [ta i te sa:t^hẽ:kla]
 /ta i te saat^he-ne-ka/
 3SA 1S INST conversar-FAC-IND
 Lit.: ele faz conversa comigo
ele arenga comigo.

O verbo *arengar* comporta-se da mesma forma que o verbo *mangar*, como mostra o exemplo (14):

- (14) “Ele me arengou”

Outra hipótese a ser levantada é que os verbos do tipo *mangar* e *arengar* são transitivos diretos em *Yaathe*, com o argumento incorporado ao verbo, mais um

complemento periférico marcado como instrumental, do mesmo modo como consideramos anteriormente. Esses verbos continuariam sendo traduzidos como “FAZER MANGA” e “FAZER CONVERSA”, o que permitiria uma estrutura do tipo “Ele faz manga a mim” > “Ele me faz manga” ou “Ele faz conversa a mim” > “Ele me faz conversa”. Essa hipótese, entretanto, nos parece menos confiável do que a primeira, mesmo se considerarmos que ela está baseada em fatos mais concretos.

Abaixo, apresentamos o quadro 4, comparando as duas variedades.

Yaathe	Variedade do Português falada pelos Fulni-ô
[ta i te walakã:k'la] /ta i te walaka-ne-ka/ 3SA 1S INST mangar-FAC-IND Lit.: ele faz manga comigo	[ele me manga] /ele me manga / 3SP OD mangar -IND -PRES
[ta i te sa:t'hë:k'la] /ta i te saat'h'e-ne-ka/ 3SA 1S INST conversar-FAC-IND Lit.: ele faz conversa comigo	[ele me arenga] /ele me arenga / 3SP OD arengar -IND -PRES

Considerações finais

Nesse artigo, buscamos explicitar um caso de interferência no nível da sintaxe, consequência do bilinguismo Yaathe-Português. Os casos que tratamos foram escolhidos por serem os mais frequentes em nossos dados.

Ressaltamos que essas interferências não acontecem somente com falantes bilíngues, uma vez que encontramos crianças e até mesmo adultos que não falam ainda Yaathe fluentemente, apresentando, em sua variedade de português, essas particularidades que os identificam como Fulni-ô. De acordo com Costa (1993), tal fenômeno deve-se ao fato que as crianças adquirem a variedade dos seus pais, o que a autora chama de “percurso histórico da interferência” e que, conseqüentemente, dá

origem e estabelece uma nova variedade do Português, sendo, portanto, uma contribuição importante para o estudo da história do Português Brasileiro.

Esse estudo nos encaminha para duas conclusões: uma de cunho teórico e outra de cunho mais prático e aplicável.

Em relação à teoria linguística, como já enfatiza Kayne (1996, 2000, apud MOURA, 2005), nesse tipo de estudo podemos evidenciar a fixação de parâmetros nas línguas, pelo fato de um falante que dispõe de dois sistemas linguísticos poder transferir parâmetros fixados no sistema linguístico materno para a segunda língua. Ainda sob esse mesmo ângulo teórico, podemos acrescentar a possibilidade de estudos de interferência fornecerem evidências para a compreensão do funcionamento do componente internalizado dos sistemas linguísticos. Parece que a transferência de aspectos de uma sintaxe para a outra não se dá apenas no nível de superfície, mas em um nível mais profundo da estrutura, não visível nos fatos expressos na fala.

Considerando a aplicabilidade prática desse tipo de estudo, compreendemos que o conhecimento dessas questões pode ser útil para situações que envolvem o ensino formal do Português para comunidades bilíngues, para destruir o mito de que os índios falam e escrevem de modo errado, visto que questões de interferência, como a que descrevemos, podem ser encontradas tanto na fala quanto na escrita, a ponto de os próprios alunos da escola Fulni-ô afirmarem que “os cabocos falam muito errado”.

Referências

- ALKMIN, T. & TARALLO, F. *Falares crioulos – línguas em contato*. São Paulo: Ática. 1987.
- ARRUTI, J. M. Morte e vida do nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional, *Estudos Históricos*, 15, vol. 8, pp. 57-94, 1995.
- COSTA, J. F. A morfologia do verbo em Yaathe. In: *Línguas Indígenas Americanas*. UNICAMP. Campinas São Paulo: 2004.
- COSTA, J. F. Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas. Aspectos do contato Português-Yathê. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE. 1993.
- COSTA, J. F. Classes de verbos e variação de construção em Yaathe. In: TELLES, S. (Org.). *Coletânea AXÉUVYRU*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.
- COSTA, J. F. Ya:the, a última língua nativa no Nordeste do Brasil. Aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE. 1999.
- HEREDIA, C. de. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In G. Vermes e J. Boutet, *Multilinguismo*. Campinas: Unicamp, Pp. 177-220, 1989.
- MOTA, M. A. C. Línguas em contato. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I. e GOUVEIA, C. A. M. (Orgs.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 1996.
- MOURA, D. Sintaxe de línguas particulares e sintaxe comparativa. Conferência proferida no GT - Teoria da Gramática, no XXV Encontro Nacional da ANPOLL, em Belo Horizonte, 1-3/07/2010. A sair no livro organizado por Rozana Rigota, UnB. 2010.

MOURA, D. Variação em sintaxe. In: MOURA, D.; FARIAS, J. (Orgs.). *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: EDUFAL, 2005.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo, Loyola, 1986.